

A CHEGADA DO BEBÊ E SEU DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL¹

Alba M. R. Sewaybricker Benito²

Introdução

É como psicóloga e psicanalista que venho abordar alguns temas relevantes para quem vive esse momento tão especial como vocês. Claro que algo que conta muito também é minha experiência como mãe, hoje de dois jovens, que me ensinaram muito desde a gestação. Outro fator fundamental também foi o companheirismo do meu marido, a sensibilidade e as decisões sempre muito compartilhadas por nós.

Vou dividir a apresentação em 12 *slides* seguindo alguns marcos do desenvolvimento do seu bebê.

O casal

Uma das primeiras coisas que quero comentar é que o bebê já vai ganhando uma existência antes mesmo da concepção, isto é, **o filho já existe na mente dos pais**. É preciso tomar contato com as expectativas que temos para que possamos permitir que essa criança exista e viva sua própria vida quando vier. Por exemplo, quando escolhemos seu nome podemos estar “escolhendo” uma missão para esse pobre ser que está apenas se formando.

A gestação

Já foi cientificamente comprovado que alguns registros acontecem ainda na **vida intrauterina**. Assim sendo, os sentimentos da mãe, sua voz, sua ansiedade, seu batimento cardíaco, estarão interferindo desde muito cedo. A partir do 6o. mês, há registros da voz do pai (ou uma música) e uma memória rudimentar já vai se formando. O bebê é capaz de captar os sentimentos da mãe em relação a si próprio. E ainda, como ela e o pai estão se relacionando: se o clima é de segurança e alegria ou se é de ameaça, indiferença ou tristeza.

O nascimento

Quando o bebê nasce, não se dá conta de que ele e a **mãe** têm existência separada. É como se se prolongasse a vida intrauterina por mais um tempo. Esta é uma etapa necessária, onde se busca minimizar toda e qualquer frustração para o nenê. Para que o bebê viva a **ilusão** de que ele e a mãe são “uma só pessoa” é importante que a mãe se mantenha inteiramente à disposição do seu bebê, em perfeita sintonia com ele – o que, algumas vezes, se confunde com depressão. Esta não é uma tarefa fácil e cabe ao **pai** acompanhar as angústias da mãe, lidar com suas inseguranças, ajudar para que ela descanse quando possível, e atendê-la nas suas carências e

¹ Palestra para pais e mães gestantes na Companhia Atlético de Campinas, em 2001 e 2003.

² Psicóloga, psicanalista, orientadora profissional e membro do grupo Conversando com a família.

necessidades. Certamente, nada fácil para o pai também, pois ele terá que fazer tudo isso e ainda lutar contra o ciúme que poderá estar sentindo dessa relação tão íntima entre mãe e filho.

A amamentação

Através desse contato o bebê vai apreendendo a **realidade**, vai delineando quem é ele e quem é o outro e vai experimentando, gradualmente, algumas pequenas frustrações e aprendendo rudimentarmente a lidar com elas. É claro que a “perfeita sintonia mãe-bebê” não persiste e isso irá se revelando pouco a pouco, ou seja, a **desilusão** vai acontecendo. Por isso é muito importante que nos primeiros meses a mãe se coloque totalmente à disposição do seu nenê, procure estar à vontade com ele na intimidade da amamentação, olhando sempre para ele, segurando-o confortavelmente, permitindo que ele olhe no seu rosto também, mostrando-se sempre confiável e confiante no desenvolvimento dele. Assim, vai se dando a **desilusão**. Ela é igualmente necessária e precisa acontecer no tempo e na dose certos.

A diferenciação

É através do processo de desilusão que o bebê vai se diferenciando e se constituindo como pessoa: existe o **eu** e o **outro**. O olhar da mãe vai viabilizando essa noção de si mesmo. Assim sendo, a espontaneidade da mãe no contato com seu bebê vai favorecer a percepção da realidade.

Como vocês podem ver, as bases da vida emocional do indivíduo estão centradas na qualidade do contato emocional com o bebê.

Quantas vezes encontramos adultos que não acreditam naquilo que percebem e “brigam” com sua capacidade de perceber as coisas de um modo realista... Muito provavelmente, receberam mensagens que os confundiram nesse período inicial da vida. Por isso recomendo que usem e abusem da sua sensibilidade e sejam autênticos com seu bebê.

O brincar

Brincar é fundamental, ajuda a elaborar essas transformações todas que acontecem nos planos físico, intelectual e emocional. O bebê gosta de imitar, entende mais do que se pensa quando falamos com ele e, ao brincar, estará desenvolvendo a simbolização, a criatividade e a capacidade de pensar.

Poder acompanhá-lo nas brincadeiras é muito prazeroso e ajudará os pais a se relacionarem com seu bebê. Para isto, no entanto, será necessário estar por inteiro nesse **brincar** - mesmo que o tempo para isto não seja tão grande assim.

É através da simbolização, da criatividade e do pensamento que o bebê vai desenvolver sua capacidade de **tolerância à frustração**. Isto parece mais complicado para algumas crianças (e adultos também). Provavelmente, refletindo um *deficit* no modo de relação que foi se estabelecendo no início da vida. Por exemplo: quando os pais não conseguem diferenciar uma possível birra ou provocação de uma simples **experiência** (científica) de jogar um brinquedinho no chão 20 vezes para ver o que acontece, ou ainda, para tentar entender o que ocorre quando a mamãe some e depois aparece.

A triangulação – o lugar do pai na relação mãe-bebê-pai

O **pai** passa a ocupar um lugar mais claro na mente da criança: ele é o companheiro da mamãe e é meu papai. Esta discriminação deve ser estimulada e as confusões devem ser evitadas – embora pareçam tão práticas e até agradáveis em alguns momentos. Por exemplo: trazer a criança para dormir na cama do casal. Isto deve ser evitado assim como brincar ao dizer que *a filhinha é a namoradinha do papai e/ou o garoto o homenzinho da mamãe*.

O caminhar

Estava falando agora de **experiência**. Vocês já pensaram em quanta coisa se acrescenta na vida de uma criança quando ela passa a andar? Pois é, o mundo se amplia muito, ela percebe que tem autonomia para ir atrás do que lhe interessa, faz algumas escolhas e se percebe mais capaz de **controlar** os outros. Lembrem-se que isto vem quase que junto com outra aquisição: o controle dos esfíncteres.

Será natural perceber a criança mais teimosa, dizendo mais *não* do que antes, mas isto será passageiro e logo ela precisará confirmar que os pais estão por perto ainda. Cabe a vocês, pais, estimularem-na a viver essas experiências, se mostrarem confiantes e acolherem-na quando vier checar onde estão e o que mais lhes interessa (além dela).

Esconde-esconde

Através das novas aquisições (fala, marcha, controle dos esfíncteres) e da participação estimulante dos pais, a criança vai conquistando a sua **individualidade** e conforme assinalai acima, será necessário, de tempos em tempos, vir recarregar a bateria para seguir adiante. Por isto brincadeiras como o esconde-esconde são tão comuns depois que a criança tem mais habilidade ao andar. É comum que ocorram regressões às vezes e isto faz parte do processo que não é linear e ascendente o tempo todo.

Esta é a base de uma adolescência saudável onde o jovem vai definitivamente construir a sua identidade, escolher os seus caminhos (profissionais e afetivos).

A leitura

Hoje em dia se sabe que o tempo da cartilha já se foi e que a capacidade de **leitura** existe e precisa de um contexto favorável para se desenvolver.

Isto angustia alguns pais que não percebem que as crianças têm ritmos diferentes e se afligem com a percepção de que algumas leem ou escrevem e seu filho ainda não, ou não tão bem.

Respeitar o ritmo de cada um é fundamental pois desenvolve a confiança na criança e a noção de individualidade.

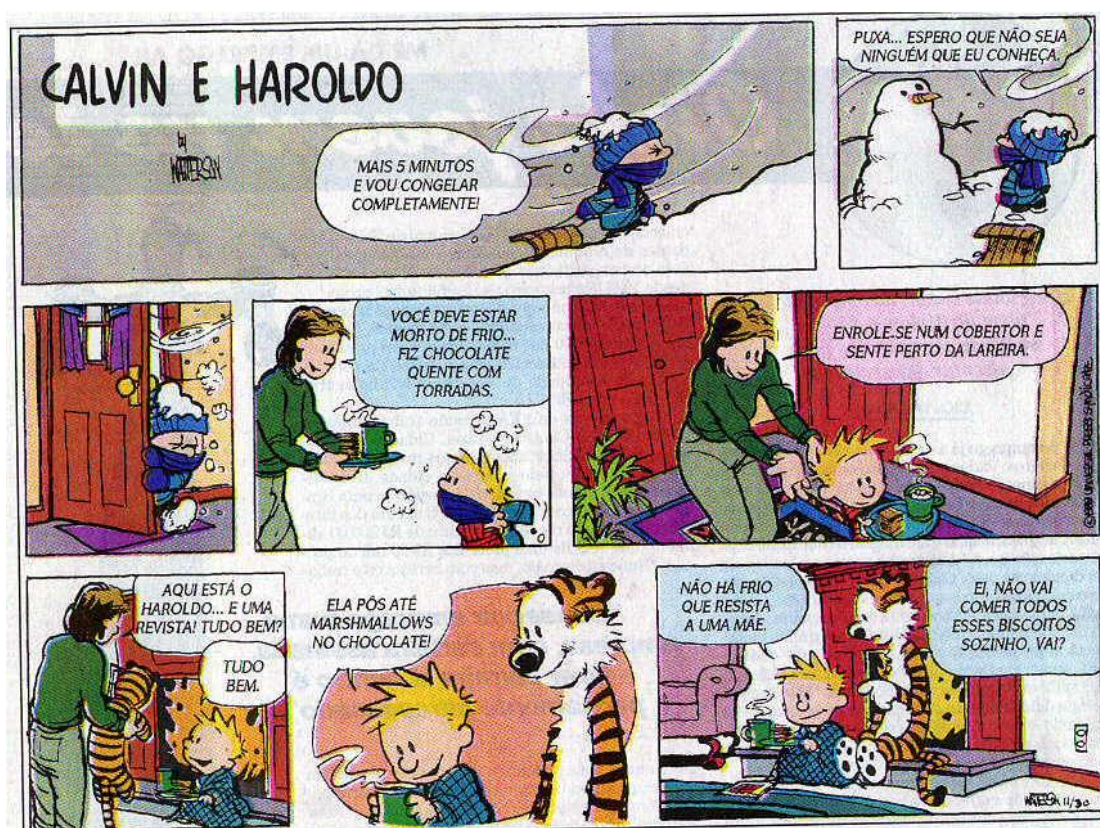
Além disto, na idade escolar (6-7 anos em diante) temos o aprendizado das normas, das regras de convívio social, dos papéis ditos masculinos e

femininos etc. A capacidade intelectual está “no ponto” para este tipo de experiência e é assim que acontece na normalidade.

Isto tudo parece ainda muito distante da realidade de vocês, mas pode evidenciar como as coisas vêm “programadas” para seguir o curso do desenvolvimento. Cabe aos pais estimular, brincar, curtir, usar a sensibilidade e o bom senso, mas também cuidar da relação conjugal, pois os filhos seguirão os próprios passos e a unidade casal é que permanece.

É claro que de tempos em tempos, situações como esta do **Calvin** irão emergir e caberá sempre aos pais o papel de conter, aconchegar e apoiar nas dificuldades e nas crises.

Para encerrar, vou mostrar a historinha a qual eu me refiro sempre como exemplo do que seria um **ambiente favorável**.



Alba M. R. Sewaybricker Benito – albabenido@uol.com.br
Psicóloga, Psicanalista e Orientadora Profissional - CRP – 06-08373
Membro do Grupo Conversando com a Família – conversandocomfamilia@gmail.com
Rua Carolina Zanini, 102 – Campinas – SP - (19) 3207-3899